

## **10909 - Caracterização das propriedades de base ecológica presentes em um município do interior paulista**

*Characterization of basic ecological properties presents in a municipality in São Paulo State*

SILVA, Rafaela Aparecida da<sup>1</sup>; PIMENTEL, Andrea Eloisa Bueno<sup>2</sup>

<sup>1</sup> PPGADR, CCA/UFSCar, rafaelaeco@yahoo.com.br; <sup>2</sup> CCA/UFSCar, andreabp@cca.ufscar.br

**Resumo:** Este trabalho faz um retrato das propriedades de base ecológica presentes em Rio Claro (SP). A coleta dos dados para identificação dos agricultores foi feita junto a diversos órgãos públicos ligados ao meio rural, contatos com outros pesquisadores, ida a reunião da Associação dos Agricultores Familiares do município e conversas com os agricultores. Utiliza-se o termo de base ecológica por agregar o conjunto de estilos de produções ecológicas. Os principais aspectos observados foram a estreita relação com Empresa X e os impactos positivos e negativos disso; além da constatação da heterogeneidade existente entre famílias em diversos aspectos, porém com semelhanças nos problemas que enfrentam.

**Palavras-chave:** agricultores familiares, sistemas de produção, Rio Claro (SP).

**Abstract:** *This work is a portrait of the ecological basis of these properties in Rio Claro (SP). Data collection for the identification of farmers was made with the various public agencies related to rural areas, contacts with other researchers, going to the meeting of the Association of Family Farmers of the city and talking with farmers. We use the term ecological basis for adding the set of styles of ecological production. The main features observed were closely related to Company X and the positive and negative impacts that, besides the finding of heterogeneity between families in different ways, but with similarities in the problems they face.*

**Key words:** *Family farmers, production systems, Rio Claro (SP).*

### **Introdução**

Há muito tempo, a agricultura tornou-se a principal forma de interação do homem com a natureza. Havia uma lógica de cultivar e criar os animais respeitando suas leis. Lógica que, a partir do século XIX e de forma significativa no século XX, foi abandonada pela disseminação dos conhecimentos da química agrícola. A busca pelo aprimoramento dos instrumentos de intervenção e a modificação das condições ambientais acarretaram mudanças no ambiente, gerando impactos negativos (MOURA, 2002; ASSIS, 2005). A solução pode ser o emprego de uma agricultura sustentável ambiental e economicamente (GLIES-SMAN, 2005).

Este trabalho faz um retrato dos agricultores familiares de base ecológica presentes em Rio Claro (SP), escolhido porque não há um perfil oficial desses agricultores.

### **Metodologia**

A coleta de dados para identificação dos agricultores foi feita por meio de visitas à Secretaria de Agricultura Abastecimento e Silvicultura (SAAS), à Casa da Agricultura (CA), contato com outros pesquisadores, participação na reunião da Associação dos Agricultores Familiares (AAF) e conversas com os agricultores. Os agricultores de base

ecológica foram encontrados principalmente por indicações dos próprios agricultores, utilizando-se, involuntariamente o método “bola de neve” (NOY, 2008).

Entende-se que a agricultura de base ecológica é sustentável ambientalmente, à medida que, entre outros fatores, utiliza adubos orgânicos e não sintéticos, gerando menos externalidades negativas; e economicamente, quando consegue se reproduzir. E considerando que o não uso de insumos agroquímicos é uma das características em comum entre os produtores de base ecológica, esta característica foi adotada como um ponto inicial para localizar os agricultores.

Um roteiro semi-estruturado (LÜDKE e ANDRÉ, 1986) foi utilizado nas entrevistas. Foram abordados temas que ajudaram a compreender os sistemas de produção, caracterizando a mão-de-obra utilizada e as experiências dos trabalhadores na agricultura de base ecológica, dentre outros fatores. O universo de produtores familiares de base ecológica em Rio Claro é composto por 5 famílias, que serão chamadas de A, B, C, D e E, por uma questão de segurança de sua identidade. Pela mesma razão, uma empresa envolvida na pesquisa será denominada de X.

### **Resultados e Discussão**

A Família A é composta por 4 pessoas, sendo que 3 trabalham na propriedade, e 1 funcionário contratado. A área de 10,8 ha é composta por dois sítios certificados desde 2002. A agricultura orgânica foi adotada porque seus pais nunca gostaram de trabalhar com agroquímicos. Já foi objeto de várias pesquisas, pois para muitos, é a única propriedade certificada no município, e os agricultores são muito receptivos. Cultivam aproximadamente 35 espécies vegetais, com destaque para hortaliças. Também criam galinhas, vacas, porcos e peixes; e processam alguns produtos (açúcar mascavo, melado de cana e mel de laranja). Pretendem aumentar a variedade de cultivos para intensificar as vendas. Os canais de comércio são Empresa X, Prefeitura Municipal de Rio Claro (PMRC), por meio do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e do banco de alimento, e principalmente, o Mercado Municipal e barraca de venda semanal no campus da UNESP. A atividade agrícola é a principal fonte de renda, complementada com uma aposentadoria. Considerando diferenciados por serem certificados, o que possibilita a venda dos produtos com melhor preço. Ressaltam que o maior incentivo para permanecer no mercado dos orgânicos são seus clientes, que dão muito valor aos produtos em preço e qualidade, acrescentando que se não fosse por eles, talvez já tivessem desistido deste tipo de agricultura. A queixa com relação aos órgãos públicos recai principalmente na falta de incentivo por parte da PMRC na formação de uma feira de produtos orgânicos. Já a CA dá assistência burocrática, mas não com agrônomos.

A Família B trabalha há 2 anos numa área arrendada de 4,8 ha. Trabalham 3 pessoas da família e 1 empregado que ganha porcentagem sobre o que produz. Tiveram certificação durante 1 ano e, atualmente, a Empresa X está organizando a documentação para que obtenham o selo novamente. Há 6 espécies vegetais cultivadas, mas a intenção é reduzir a diversidade para investir no tomate, o principal cultivo. Não expandem a plantação pela falta de mão de obra e/ou dinheiro. Quando tem dinheiro não encontram trabalhadores, que alegam que o trabalho é árduo e que as pessoas não querem este tipo de emprego. Os principais canais de comércio são Empresa X, loja de produtos orgânicos da cidade e outros sítios. A família planeja o que é plantado com base nos pedidos da Empresa X, que também fornece assistência técnica e de uma propriedade de Casa Branca/SP. Para os

demais clientes é vendido o excedente. A agricultura é a principal fonte de renda da família. Reclamaram da falta de incentivo/apoio da PMRC, da estrada de terra que dá acesso ao sítio, da dificuldade para usar o trator da Prefeitura, além do alto custo e excesso de exigências para obtenção da certificação.

Na propriedade da Família C moram 5 pessoas. Estão há 10 anos neste sítio de 2,6 ha. A escolha pelos orgânicos foi por consciência. Antes da chegada da família, a propriedade era utilizada como pasto, com o solo muito compactado. Inicialmente o cultivo foi para autoconsumo, e há 2 anos iniciou a comercialização. São cultivadas 3 espécies (destacando o tomate-cereja), há galinhas, frangos e patos, para o consumo e venda de carne e ovos. A idéia é aumentar a diversidade do plantio, adicionando mais 2 culturas. Alegam ter boa relação com a PMRC, mas que poucos agrônomos entendem de orgânicos para prestar assistência. Nunca tiveram nenhum tipo de assistência, aprenderam o que sabem com leituras e cursos. E, foi por meio do curso de irrigação que eliminaram a falta de água na propriedade. Os principais canais de venda são a merenda escolar e o PAA, mas devido à falta de certificação vendem como produtores convencionais. Mesmo assim, a PMRC paga um valor maior que os intermediários. Nunca tentaram a certificação devido ao seu alto custo. Alguns consumidores compram direto na propriedade. No momento a aposentadoria do casal é a principal fonte de renda.

A propriedade da Família D é gerenciada por 2 famílias, num local antes usado como pasto. A horta de 6310m<sup>2</sup> foi implantada com o objetivo de ressaltar a importância da agricultura natural na saúde das pessoas. Pretendem tornar o local uma área modelo. São certificados desde 2010. Os principais clientes são Empresa X, PMRC (PAA e merenda escolar), e há a venda de cestas em 15 residências. Há grande diversidade de espécies, mas a intenção é se especializar em 4 de folhas e 3 de legumes. O planejamento baseia-se na demanda da Empresa X.

A família E arrenda 4,8 ha de um sítio há 1 ano. Não se observou uma relação íntima da família com a propriedade, sendo considerada apenas seu local de trabalho, visto que não se lembravam do nome da mesma. Cultivam 5 variedades de tomate. Consideram vantajoso produzir tomate orgânico, pois seu valor de venda é elevado e o trabalho para produzi-lo é semelhante ao convencional. A atividade agrícola é a principal renda da família. A intenção é plantar pepino e abóbora. O comércio é realizado com a Empresa X, loja de produtos orgânicos da cidade, merenda escolar (PMRC) e loja orgânica de São Paulo. A Empresa X também está organizando os documentos da certificação e vende os produtos utilizados como adubo. Na propriedade trabalham 2 familiares e 3 empregados não registrados.

Observa-se a grande importância da Empresa X para os agricultores, sendo a principal cliente para 4 dos 5; além da assistência técnica e organizar todo o procedimento para a certificação. Isso garante maior segurança aos agricultores, pois há um comprador para seus produtos, além do importante auxílio com a certificação. Mas há dependência dos agricultores com esta empresa. Em virtude da segurança que aparentemente possuem com a Empresa X, não investem como poderiam em novos canais de comércio, planejando sua produção em função das compras da Empresa. Há também dependência com relação aos produtos a serem utilizados nos cultivos, já que ela solicita o uso de um produto vendido por ela mesma. Outro fator negativo é que a Empresa dita os valores a serem pagos aos produtores.

Outro aspecto a ser destacado é a grande heterogeneidade existente entre estes agricultores em sua composição familiar, no seu planejamento de trabalho, manejo e arranjos dos sistemas de produção. Outra diferença é com relação aos objetivos dos agricultores. Alguns têm uma visão mais empresarial enquanto que outros produzem ecologicamente por uma questão de mudança de hábitos. O fato de serem agricultores de base ecológica não os torna semelhantes. Cada um tem sua particularidade. No entanto, todas compartilham de problemas semelhantes, principalmente com relação à distância existente entre a família agricultora e os órgãos públicos ligados ao meio rural. Há uma maior proximidade com a PMRC, porém para a maioria esta proximidade dá-se em virtude dos programas que adquirem seus produtos e não por incentivo à agricultura de base ecológica ou à assistência técnica. A CA é tão distante que nem sequer foi mencionada.

### **Agradecimentos**

À FAPESP pela concessão da bolsa (Processo 2010/04630-0), que permite o desenvolvimento desta pesquisa.

### **Bibliografia Citada**

ASSIS, R. L. Agroecologia: visão histórica e perspectivas no Brasil. In: AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. (Orgs.). **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. p. 173-184.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 3. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2005. 653p.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. 99p

MOURA, L. G. V. **Indicadores para a avaliação da sustentabilidade em sistemas de produção da agricultura familiar: o caso dos fumicultores de Agudo - RS**. 2002. 230 f. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Rural – área de concentração em agricultura, meio ambiente e sociedade) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

NOY, C. Sampling Knowledge: the hermeneutics of snowball sampling in qualitative research. **International Journal Social Research Methodology**, v. 11, n. 4, p. 327–344, out. 2008.